

UM NOVO MAPA DE BRAGA DE FINAIS DO SÉCULO XVII

EDUARDO PIRES DE OLIVEIRA



É sempre com grande alegria que se toma conhecimento de mais um elemento novo sobre a história de Braga. E se esse novo documento tiver um carácter visual então torna-se muito mais interessante e merecedor de atenção.

Por razões que desconhecemos, a cidade de Braga não foi motivo de inspiração de pintores, desenhadores, gravadores e cartógrafos ao longos dos séculos.

É certo que estava muito afastada da capital e excêntrica relativamente à geografia do país, o que fazia com que os viajantes que queriam conhecer Portugal não a visitassem, logo não fizessem esboços, nem a reproduzissem depois nos seus livros.

Dos séculos XVI até a meados do século XVIII apenas se conserva o mapa de Braunio que, com todas as suas naturais deficiências, é um instrumento de trabalho preciosíssimo.

O mapa de 1729 desenhado pelo monge bernardo Frei Luís de S. José está hoje perdido ¹. De 1750 temos o *Mappa das Ruas*, do Arquivo Distrital, publicado em 1989 ². E o de André Soares, de cerca de 1755, só agora começa a ser conhecido em Braga ³.

Gravuras conhecemos apenas a da Fonte do Ídolo, nas *Memórias ...*, de Contador de Argote ⁴. A obra de Alvarez de Colemanar, tão rica em iconografia de toda a Península Ibérica, apresenta para ilustração do seu texto sobre Braga uma reprodução do mapa de Braunio ⁵!

Que origem tem esta nova planta da cidade? Qual a razão deste atlas?

Desconhecemos. As suposições de que seria algo semelhante ao quinhentista Livro das Fortalezas, de Duarte de Armas, esbatem-se, no caso de Braga, devido ao facto de não se verem nenhuma indicação ou desenhos de carácter castrense. Estariam as fortificações mandadas erguer em 1641 já destruídas? Ou não teriam passado dos alicerces e pouco mais? E não havia memória delas?

Outra das hipóteses que se pode levantar é a que se prende com o gosto das pessoas pelo exótico, já então existente, de terem imagens de outros locais distantes daquele em que viviam. Esse gosto esteve na origem dos álbuns das cidades, de que o de Braunio é um exemplo; igualmente vieram a ter mais tarde, no século XIX, muita aceitação os álbuns de fotografias. Mas porque esta vertente foi já explorada pelo texto de Miguel Bandeira não nos alongaremos mais.

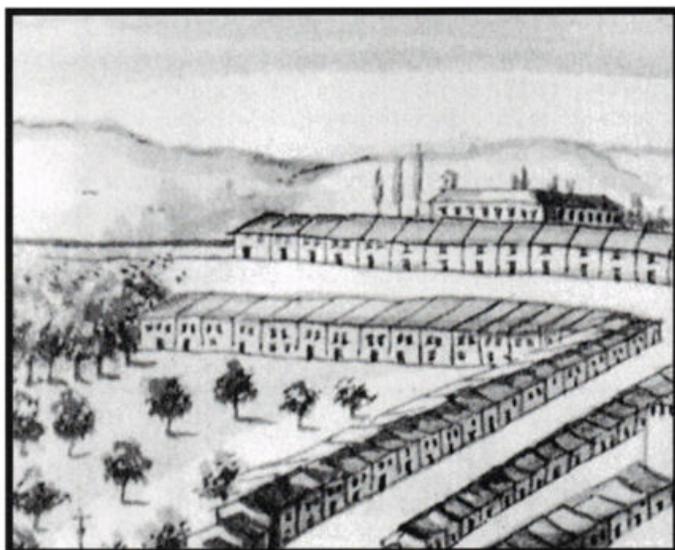
Por último questionámos a data em que o mapa foi feito.

Torna-se muito difícil responder a tal pergunta. Não pelo facto de não haver referências cronológicas em que nos apoiemos; mas sim porque não sabemos até que ponto podemos acreditar nas informações que contém. Como veremos, ao longo dos textos redigidos para cada quadrícula em que o dividimos, é preciso observar este mapa com extremo cuidado.

Acreditamos, porém, que os edifícios principais estão minimamente bem desenhados. Desta forma poderemos estranhar que não apareça aqui representada a igreja dos Terceiros: iniciadas, talvez, em 1690, as suas obras só receberam um forte incremento em 1694⁶; ou que a igreja de S. Vicente ainda esteja desenhada da mesma forma que se vê no mapa de Braunio, sabendo nós que as suas grandes obras de transformação se iniciaram em Maio de 1689⁷. Notamos ainda que a igreja de Santa Cruz tem apenas uma torre; sabemos que em 1694 se iniciou a alteração da existente e a construção de outra.

Em contrapartida vemos a parte superior da igreja dos Congregados, dos Oratorianos. A instalação da Ordem neste edifício foi solenemente feita no dia 24 de Maio de 1687⁸.

Atendendo a todos estes factos, e com as reservas já antes enunciadas, acreditamos que este mapa possa ter sido desenhado algures nos finais do século XVII, mais concretamente entre 1687 – porque já se encontra construída a parte superior da igreja dos Congregados e 1694 (cerca de) – porque apenas se vê uma torre na igreja de Santa Cruz; não há ainda referências visuais à igreja dos Terceiros; e surge ainda com dimensões reduzidas a capela que está na origem da actual igreja de S. Vicente.



Quadrícula 1 A

Ruas de casario imaginado, igual, aparentemente construído em série, sem qualquer correspondência com a realidade.

Não deixa de ser curioso o facto de se diferenciarem:

- na rua da Cónega todas as casas apresentam uma única janela, que sobrepuja a porta, excepto na parte mais oriental;
- na rua dos Biscainhos, de mais difícil leitura pela sua representação oblíqua, as casas parecem ter duas janelas no piso superior e uma porta apenas no térreo.

Num estudo que fizemos sobre a tipologia da casa bracarense⁹ podemos ver que não só as casas da rua da Cónega tinham diferentes alturas, como, também, áreas de implantação bastante irregulares. Segundo esse estudo, 2/3 das casas tinham 2 pisos e 1/3 um piso; e quanto à largura 50% tinham entre 4 varas e um palmo e 6 varas e um palmo o que permitiria ter, no mínimo, mais uma janela quer no piso térreo, quer no piso superior. Nada disso se vislumbra aqui.

Aliás a rua era muito mais comprida, sendo mesmo a mais longa da cidade setecentista. Não tinha a pequenez que neste mapa se observa.

Da mesma forma, não se entende a falta de um edifício de certo volume, como era a casa dos Sotomaior, na esquina da rua da Cónega com o prolongamento da rua dos Biscainhos.

E nesta última artéria falta o chamado Palácio dos Biscaínhos. Se é certo que não teria a volumetria actual (o projecto é de 1712), também é verdade que este edifício não era apenas mais um entre a massa anódina do casario. E no fim da rua falta a ténue linha de água que se vê no mapa de Braunio e originava uma meia laranja com um tanque, destruído em 1769, com as alterações urbanísticas decretadas pelo arcebispo D. Gaspar de Bragança.

O que não conseguimos advinhar é o que terá sido o grande edifício situado nas traseiras da face Norte da rua da Cónega.



Quadrícula 1 B

A visão urbana que temos nesta quadrícula é, talvez, a mais incongruente de todo o mapa. Vejamos:

A antiga rua do Campo (troço da actual rua D. Frei Caetano Brandão) prolonga-se de tal maneira que parece tapar a ligação que existia entre o espaço do então campo da Vinha (actual largo Conselheiro Torres e Almeida) e a rua da Cónega. Se nos lembrarmos que esta artéria, na Idade Média, se chamava rua Direita, conforme se pode ver no Tombo do Cabido (datável de 1369-1380), compreenderemos melhor esta incongruência.

Da mesma forma o torreão da muralha e a Porta de S. Francisco não se situavam no lado Este da rua do Campo, mas sim exactamente do lado oposto.

A fachada lateral Sul da igreja do convento do Pópulo mantém a estrutura actual. É possível que a torre tivesse aquela forma, mas não tão grande altura. Pena é que não se possa compreender o desenho da fachada. Pelo que se vislumbra parece algo que faz lembrar a igreja de S. Domingos, em Viana do Castelo, apesar do frontão triangular que apresenta. Claro está que não sabemos até que ponto a imagem é credível. Lamentavelmente falta a representação dos edifícios conventuais.

O convento do Salvador apresenta já, grosso modo, a feição que manteve até às obras de Moura Coutinho (1908-1915) percebendo-se bem a zona da igreja, a torre e o mirante.

No espaço central do campo da Vinha vemos duas fontes e uma capela.

Começamos pelo monumento que está do lado esquerdo. Pelo seu desenho parece uma fonte semelhante à que neste mapa se vê defronte da cidadela e actualmente se encontra no campo das Hortas; mas com menos um andar, isto é, com menos uma taça; e com o diâmetro mais reduzido.

A outra fonte-obelisco não se situava ali, mas sim, um pouco mais a meio da praça. Está hoje no largo Carlos Amarante.

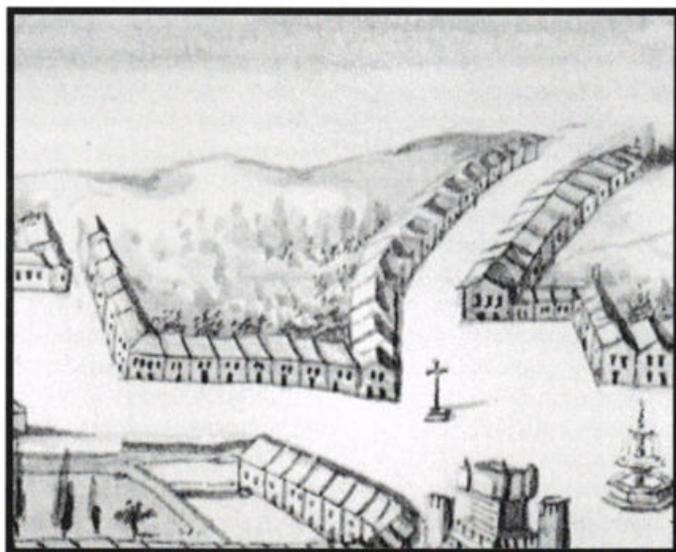
A pequena capela pertence já à quadrícula seguinte, onde a analisaremos.

Faceava o campo da Vinha, no lado Sul, o edifício do Seminário de S. Pedro e S. Paulo, criado em meados do século XVI por D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Em comparação com o mapa de 1755 (?), de André Soares, é de difícil leitura a real extensão da sua ala Este.

Imediatamente a Oeste vê-se o pequeno postigo de Santo António, com a sua torre. Permitia a ligação entre o campo dos Touros e o campo da Vinha. De notar que falta aqui o edifício do Recolhimento de Santo António, fundado ainda no século XVI e destruído no último quartel de oitocentos; era administrado pela Misericórdia.

O campo dos Touros apresenta-se como um espaço fechado, o que não correspondia à verdade pois o seu topo Este era atravessado pela rua dos Gatos, que tinha início igreja da Misericórdia. É possível que esta artéria date de 1563, ano em que foi construído este templo.

Registe-se, contudo, o nome. O que confirma que já em meados do século XVII ali se faziam touradas. E que a definição deste espaço é bem mais antiga que os seus principais edifícios, datáveis de meados do século seguinte.



Quadrícula 1 C

Este espaço é dominado pela então rua da Fonte da Cárcoda (ou Cárcova), actual rua dos Capelistas, que ligava o campo da Vinha com os largo do Eirado (actual largo de S. Francisco) e campo de Sta Ana (actual av. Central).

É bastante semelhante ao mapa de Braunio.

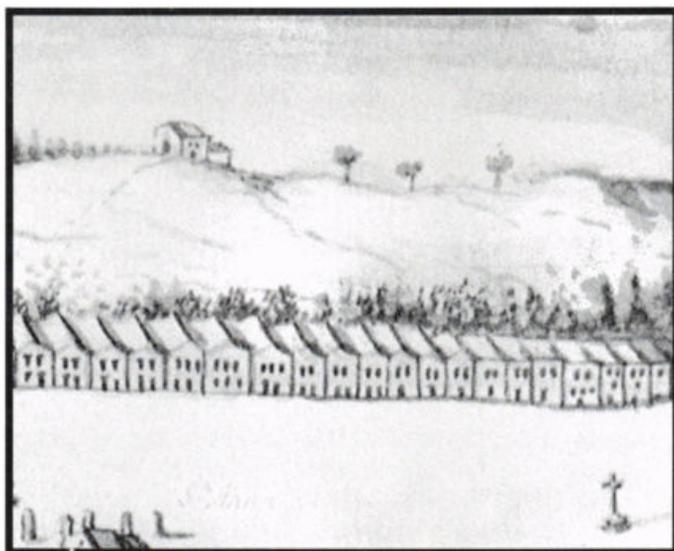
No campo da Vinha verifica-se que ainda não está construído o Hospício de S. Bento, dos frades de Tibães.

A capela de N.^a S.^a do Amparo, também conhecida por capela de S. Cosme e S. Damião, deveria situar-se um pouco mais no meio da praça, embora no seu topo Este. Esta capela foi destruída em 1769 com as alterações urbanísticas de D. Gaspar de Bragança, já aqui referidas. Sob a sua sacristia estava a mãe de água, enorme reservatório, todo em pedra, que recolhia as águas que vinham das Sete Fontes; a comunicação fazia-se através de um alçapão que havia na sacristia. Desapareceu também na mesma data.

A cidadela aparece aqui com um aspecto muito mais monumental e bélico do que aquele que Braunio nos legou. Parece mais uma estrutura algo dissociada do todo defensivo medieval, que valia por si própria. É certo que no século XVII já não tinha funções militares; servia de cadeia e nas suas traseiras funcionava o Aljube. Mas a verdade é que a cidadela existia (apenas foi destruída nos anos de 1905-1906) e a torre de menagem e os dois pequenos baluartes que a ladeavam faziam parte de um conjunto amuralhado de relativa dimensão.

Note-se que na esquina formada pelas ruas do Castelo e Capelistas falta a representação da igreja dos Terceiros, iniciada nos finais do século XVII.

Para Norte sente-se um espaço mal delineado que poderia ter sido utilizado para uma melhor definição do largo dos Penedos (Penedos dos Chãos, como então se dizia) e rua do Carvalhal.



Quadricula 1 D

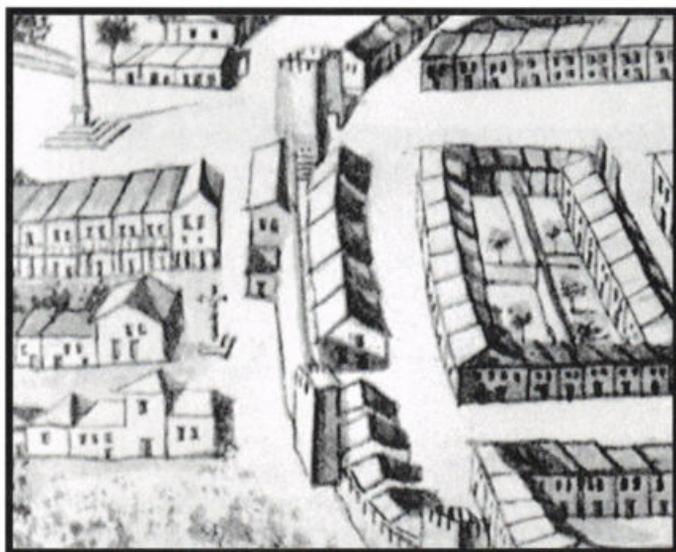
Este espaço mostra bem quanto ainda estava esta zona pouco habitada. No casario apresenta outra vez uma massa anódina de construções no lado Norte do espaço hoje conhecido como avenida Central. E é curioso que, se o compararmos com a rua da Cónega (quadricula 1A), podemos ver que o autor teve o cuidado de dar uma maior área de implantação a estas casas, o que demonstra um certo cuidado em mostrar a realidade.

Por detrás destas casas nota-se, com certa dificuldade, a continuação da rua dos Chãos (a rua que hoje denominamos como de S. Vicente). Termina no templo de S. Vicente, que era então uma pequena capela. As suas obras só começaram no final da década de 80 do século XVII e terminaram no fim do primeiro quartel do século seguinte.

Notemos que ainda não existia a rua de S. Gonçalo, aberta que foi apenas em 1725 e que a capela de Santa Ana está demasiado deslocada para o lado Este.

A fonte de três taças, seiscentista, que aqui se vê foi desmontada em 1865. Encontra-se desde 1914 no campo das Hortas.

Importante é ainda o facto de nada se ver no espaço do então monte de Santa Margarida, onde agora existe a capela de Guadalupe. É que se é correcta a ideia de que a factura desta série de mapas teve intuítos militares não compreendemos a razão porque é que naquele alto se não vê nenhuma construção, sabido que, após 1640, ali se começaram a erigir estruturas de carácter bélico ¹⁰. Aliás, quando em 1725 se abriu o complexo urbanístico do Campo Novo, ainda havia memória dessas construções, porque o primeiro nome dado a esta praça foi o de campo Novo do **Reduto**.



Quadrícula 2 A

O facto do desenhador ter unido as ruas de Maximinos (actual D. Paio Mendes) e Nova de Sousa (actual D. Diogo de Sousa) numa só transfigura totalmente esta quadrícula. Esta resolução obrigou à omissão de uma porta na muralha, concretamente a de N.^a S.^a da Ajuda, que se localizava no fim da rua de Maximinos. Existia nela uma capela dedicada aquela invocação da Virgem.

É assim um espaço artificial e imenso o que se vê em frente à Sé e se estende até à Porta Nova, a qual então não tinha a monumentalidade actual, que lhe foi dada em 1771.

O campo das Hortas está bem definido. O seu cruzeiro foi transferido em 1914 para o contíguo campo das Carvalheiras.

Aqui vemos, ao lado de um cruzeiro, hoje inexistente, e que, concerteza, pertencia ainda ao conjunto de monumentos deste tipo que se viam por toda a cidade nos fins da Idade Média, a capela de S. Miguel-O-Anjo. É o edifício mais avantajado, com duas portas e duas janelas descentradas, e com a fachada voltada a Norte.

Este templo veio a ser destruído em 1881, sendo a sua confradia, uma das mais importantes do século XVIII, transferida para outra capela, construída de raiz, existente na rua Cardoso Avelino, junto à estação de Caminho de Ferro.

O corpo avantajado que se vê colado, exteriormente, às muralhas é possível que corresponda aos Açougues. Nos finais do século XVIII foram mudados para uma zona relativamente próxima – a rua ainda hoje chamada do Matadouro Velho – para um edifício destruído há uma ou duas décadas.



Quadricula 2 B

Continua aqui latente o problema incompreensível da união das ruas D. Diogo de Sousa e D. Paio Mendes.

A Sé assume-se como o grande edifício estruturador que efectivamente é. O seu desenho está correcto. De salientar que o coroamento das torres era ainda feito por ameias. E a parte central terminava num frontão triangular.

Foram as obras de D. Rodrigo de Moura Teles, em meados dos anos 20 de setecentos, que lhe acabaram com esta feição de edifício-fortaleza, bem medieval, e lhe deram uma feição um pouco barroca.

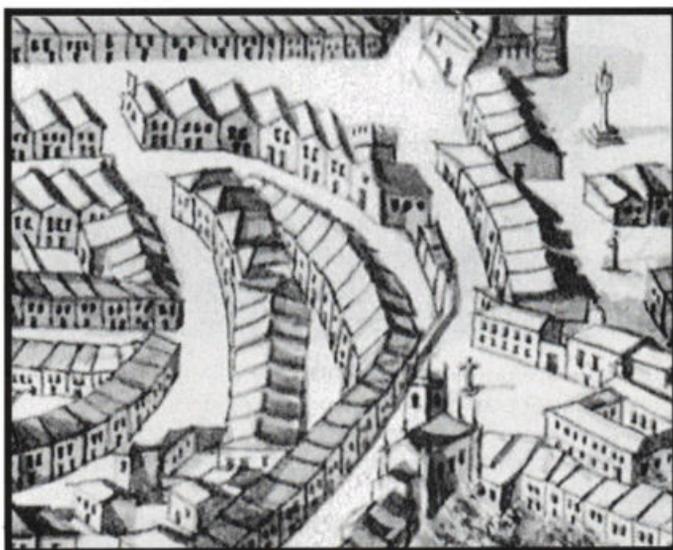
Defrontava-a, no canto da rua de D. Gualdim, o edifício quinhentista da Câmara Municipal, que veio a ser destruído nos inícios do século passado.

A igreja paroquial de Santiago da Cidade está, correctamente, virada para Oeste. A sua orientação foi invertida em 1791. Mas não se vê aqui a rua de Santiago, que a defrontava e que já existia há séculos

A representação da escada do Paço Arquiepiscopal é o motivo mais interessante desta quadrícula. Era então um corpo exterior, com lances para ambos os lados, bem à maneira portuguesa de seiscentos.

O largo do Paço já estava definido desde os tempos de D. Frei Agostinho de Jesus. Apenas o corpo central veio a ser alterado com D. Rodrigo de Moura Teles, passando a escada para a zona interior, guarnecida de lambrins de azulejos. A escada exterior mostra bem que aqui havia ainda um gosto um pouco ruralizante já que não se necessitava de um grande átrio para receber quem demandava a casa.

A fonte parece ter duas taças; ou então, uma espécie de corpo mais volumoso, lembrando a quinhentista a fonte do Geraldo, em Évora. Aliás, esta deve ter a mesma cronologia. Veio a ser substituída em 1725 pela que agora se lá vê, mandada construir por D. Rodrigo de Moura Teles em sua própria honra.



Quadrícula 2 C

É um pouco complexo o que se pode observar nesta quadrícula. Há ruas que faltam, outras estão violentamente distorcidas, monumentos que não se veem ou mal se entendem ...

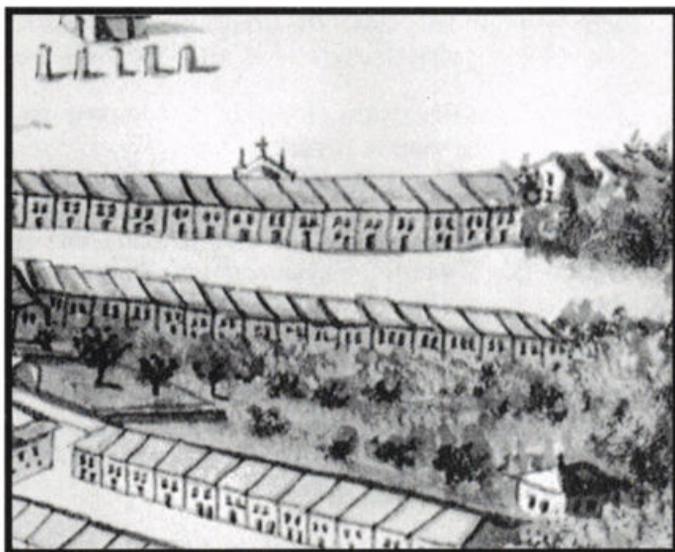
Analisemos:

- a rua do Souto tem as suas casas muito mal desenhadas, não se podendo obter delas nenhuma informação interessante. Deveria terminar numa porta de muralha (esta porta só foi demolida em 1853), o que aqui não acontece;
- a rua de S. João prolongava-se até uma porta que se abria na muralha, um pouco além da capela dos Coimbras. A rua existe, mas a porta (demolida em 1867) só com muita dificuldade se visualiza. A capela dos Coimbras parece não estar representada. Um edifício de telhados inclinado, com uma torre ao lado poderá querer representar a igreja de S. João de Souto; porém, a torre deveria estar do lado contrário;
- a rua do Forno continuava-se pela cangosta de Palhais, que aqui aparece com uma enorme dimensão, nada condizente com a sua estreiteza; tinha tão pouco interesse que a câmara municipal mandou fechá-la em 1898 ¹¹;
- falta a rua de Janes, uma artéria só aparentemente secundária; estabelecia ligação entre o populoso bairro das Travessas - localizava-se a Sul do edifício da Sé e tinha como eixo ordenador as travesas que correspondem à actual rua D. Afonso Henriques - e a porta do Souto, em cujo exterior se reuniam e albergavam os mercadores que demandavam Braga. Penso que a razão desta falha está no sistema de representação cartográfico escolhido pelo autor desta carta, que o obrigou a fazer tais distorções que depois lhe vieram a criar problemas que não soube resolver.

No entanto note-se a magnífica representação do espaço do então campo dos Remédios, actual largo Carlos Amarante:

- o convento dos Remédios parece-nos bastante bem desenhado, no que respeita à disposição dos seus corpos e à sua volumetria. Da esquerda para a direita podemos reconhecer o mirante, a zona dos dormitórios, a portaria, mais baixa, a igreja, terminando noutro corpo cuja função desconhecemos. Em contrapartida não se vê a delimitação da sua cerca – mais uma vez por causa do sistema de representação cartográfico escolhido;
- o edifício do Hospital de S. Marcos aparece já com outra dimensão, que ainda não é visível no mapa de Braunio. Faltam estudos sobre o seu crescimento e evolução para sabermos até que ponto esta representação está correcta. É pena que se não possa ver a exacta

- localização da sua igreja, pois estava virada a Norte, precisamente o lado oposto àquele em que o autor do mapa se colocou;
- a igreja de Santa Cruz surge apenas com uma torre; só em 1693 a sua irmandade resolveu contratar a factura de duas ¹²; as obras iniciaram-se meio ano mais tarde, no dia 27 de Fevereiro de 1694 ¹³. Mas não são estas as que actualmente se conhecem: em 1733 foram novamente alteradas, com desenho do coronel de engenharia Manuel Pinto Vilalobos, de Viana do Castelo.



Quadrícula 2 D

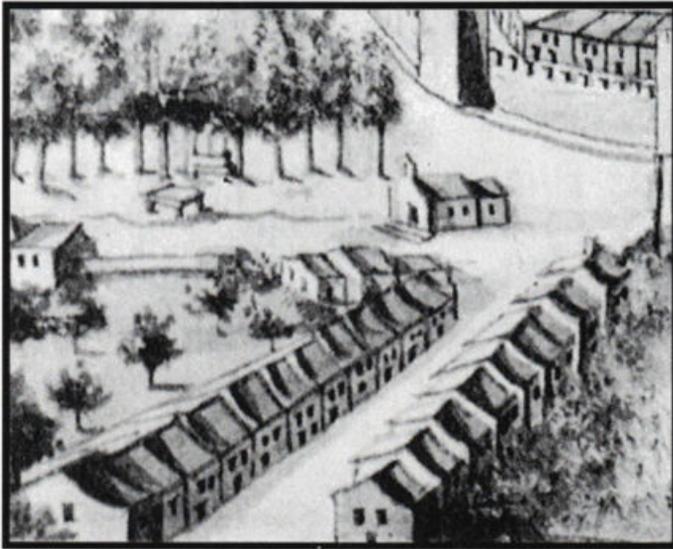
A quadrícula 2D é marcada pela estranhíssima orientação dada à rua das Águas: em vez de ser apresentada com um sentido Norte-Sul recebeu uma direcção Este-Oeste! Mais uma vez voltou a funcionar mal o sistema de representação cartográfico escolhido. Mas apresenta correctamente um cruzeiro (ainda na quadrícula 2C) no seu início.

Claro está que desta forma o autor fez coincidir as traseiras das fachadas do lado Este da rua das Águas com as do lado Sul do antigo campo de Santa Ana. Só assim se explica que nos apareça a imagem do campanário e cruz da cimalha da igreja dos padres oratorianos, que veio a transformar-se, mais tarde,

na actual igreja dos Congregados. Desta forma desaparece neste mapa a antiga cangosta das Portas, actual rua do Raio. Talvez seja também essa a razão que levou o autor a omitir a cangosta da Palha que existia já, pelo menos, desde o século XVI.

Diga-se também que o campo de Sta Ana parece menos comprido do que efectivamente é. Desta forma sugere que a fonte que estava defronte da Cidadela, a capela de Sta Ana com os seus miliários e o Pelourinho ficavam todos juntos, o que não correspondia à realidade.

A rua dos Granginhos tem um casario excessivo pois sabemos que os seus edifícios eram de somenos importância, no contexto urbano. Para os problemas que põe a representação do fim desta rua veja-se a quadrícula 3D.



Quadrícula 3 A

As carvalheiras centenárias que aqui existiam estão bastante bem desenhadas. Mal andou a vereação que as mandou retirar em data que desconhecemos.

A pequena capela de S. Sebastião das Carvalheiras, mandada levantar por D. Diogo de Sousa, tinha então a orientação inversa. Foi só em 1715, com a reconstrução mandada fazer por D. Rodrigo de Moura Teles, que recebeu o aspecto e sentido actuais.

A rua de S. Sebastião, ou dos Marchantes, apresenta um casario excessivo, pois sabemos que em meados do século XVIII possuía muito poucos edifícios.

Falta ainda a representação de um pequeno postigo que havia junto à torre da muralha cujo coroamento entra pela quadrícula 3A.



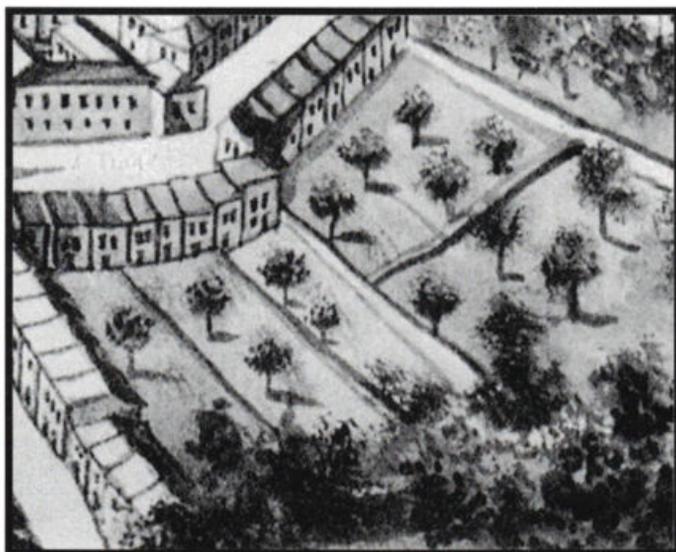
Quadrícula 3 B

É extremamente intrigante o que se passa com a velha muralha medieval. Não se compreende bem se é pouco visível porque tem casas encostadas; porque parece estar parcialmente destruída (!); ou mais baixa, ou, ainda, mal desenhada.

Também é um pouco incompreensível a existência da torre que está exactamente a meio do espaço da quadrícula. Não vem representada nem nos mapas de Braunio, ou de André Soares; nem se conhece qualquer texto que se lhe refira. Talvez seja uma resultante da distorção escolhida pelo autor deste mapa.

Atrás da torre de Santiago vê-se o antigo colégio de S. Paulo, destruído no século XIX.

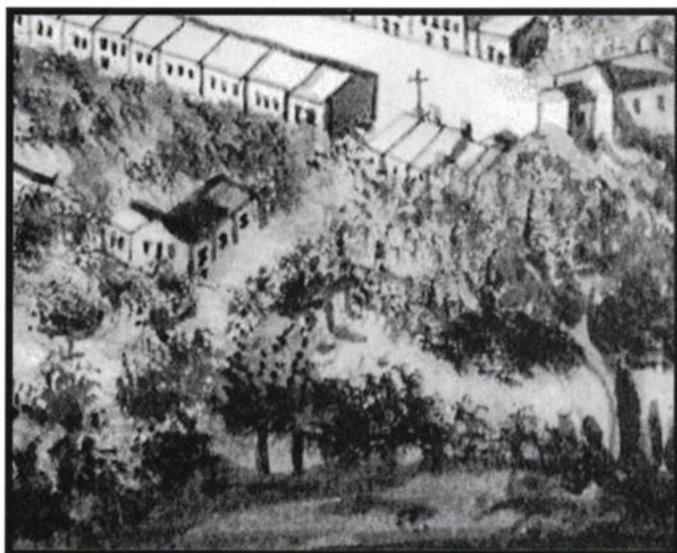
No canto formado pelas ruas do Alcaide e S. Geraldo nota-se um edifício mais elevado, fazendo lembrar uma torre. Não sabemos ao que corresponde.



Quadrícula 3 C

Um único motivo de interesse apresenta esta quadrícula: a representação do edifício do colégio dos Jesuítas, actual Seminário de Santiago. A diferença que tem em relação ao mapa de André Soares reside apenas na falta do piso superior, na parte que está imediatamente a seguir à torre de Santiago (esta torre está na quadrícula 3C).

Não conseguimos compreender a razão porque o autor omitiu a artéria actualmente conhecida como rua dos Falcões.



Quadrícula 3 D

Nesta quadrícula apenas podemos ver o fim da rua dos Granginhos, rua que nos últimos vinte anos tem vindo a ser destruída e vai desaparecer.

Volta aqui a não funcionar a forma de representação cartográfica escolhida.

Vê-se no canto superior direito as traseiras de um edifício formado por dois volumes acoplados que representam, sem dúvida, o corpo principal e a capela mor da então capela de S. Lázaro. A sua fachada dava para a rua das Águas, artéria que está representada na quadrícula 2D.

O cruzeiro que aqui vemos localizava-se no ponto de encontro destas duas ruas e não no local que se vê no mapa.

NOTAS

¹ *Exposição de plantas da cidade do Porto dos séculos XVIII e XIX*. Porto, Câmara Municipal, 1949, p. 7.

² *Mapa das Ruas de Braga*. 2 vols. Braga, Arquivo Distrital, 1989-91.

³ Um excerto deste mapa pode ser visto em OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *O Convento do Salvador. De mosteiro de freiras ao Lar Conde de Agrolongo*. Braga, [Lar Conde de Agrolongo], 1994, p. 22.

⁴ ARGOTE, Jerónimo Contador de – *Memórias para a história eclesiástica do Arcebispado de Braga*, vol. 1. Lisboa, Régia Officina Sylviana, 1732, p. 261.

⁵ ALVAREZ DE COLMENAR, Juan – *Annales d'Espagne et du Portugal*. Amsterdam, Chez François l' Honoré & Fils, 1741. A gravura de Braga está entre as páginas 224 e 225, na metade superior; na parte inferior desta página está a gravura de Coimbra, também ela uma reprodução do competente mapa de Braunio. O texto sobre Braga vai na página 243-245.

⁶ OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre o século XVIII em Braga*. Braga, APPACDM, 1993, p. 47-48. E ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO – *Estatutos ... Com um prólogo historiando a fundação da mesma Ordem*. Braga, Typ Lusitana, 1908.

⁷ OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre o século XVIII em Braga*. Braga, APPACDM, 1993, p. 47.

⁸ OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *O Convento dos Congregados*. Braga, CIFOP, 1988, p. 6.

⁹ OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre o século XVIII em Braga*. Braga, APPACDM, 1993, p. 23-44.

¹⁰ OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre o século XVIII em Braga*. Braga, APPACDM, 1993, p. 76, nota 4.

¹¹ OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos Bracarenses. 1 – As alterações toponímicas (1380-1980)*. Braga, ASPA, 1982, p. 74-75.

¹² ADB. Nota do Tabelião Geral, vol. 463, fol. 38-38v, de 8 de Agosto de 1693. O mestre pedreiro escolhido foi o portuense Pascoal Fernandes, que tinha vindo para Braga para trabalhar nas obras da igreja de S. Vítor, chamado pelo arcebispo D. Luís de Sousa.

¹³ THEDIM, Manuel José da Silva – *Diário Bracarense ...*, fol. 70. Deste manuscrito há fotocópia no ADB.